

2 Participantes do mistério de Cristo pelo batismo

Somos chamados a Cristo pela ação do Espírito Santo e pela vontade do Pai, por meio de sementes da Palavra e pela pregação do Evangelho, suscitando em nós a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. Incorporados a Cristo através do Batismo, somos cooperadores de Deus e vocacionados à missão de Jesus, exercendo com Ele, as funções Sacerdotal, Profética e Régia, conferidas pelo Pai.

Diante disso, a comunidade dos fiéis em Cristo e com Cristo torna-se sinal vivo da presença de Deus e no mundo. *“Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, nos tornamos membros de Cristo, e somos incorporados a Igreja e feitos participantes de sua missão”*¹ Viver em Cristo é estar reconciliado com Deus. Passamos, então, como cristãos, a viver o seguimento de Jesus em nossa vida.

2.1. Fundamentação teológica dos sacramentos

O Catecismo da Igreja Católica mostra que os sacramentos conferem a graça que significam. É o próprio Cristo quem batiza e atua em seus sacramentos. O Pai atende a oração da Igreja de seu Filho que, na efusão do Espírito, exprime sua fé. A graça sacramental nos impulsiona a dar seguimento ao que Jesus realizou, na missão de evangelizar o mundo e viver, na santidade, o serviço ao outro nesta vida de peregrinos a caminho da casa do Pai².

Nós fomos ungidos pelo óleo. Por isso, somos abençoados pelo Espírito de Deus. No Antigo Testamento, já estava presente o significado da unção com óleo, como bênção, consagração a Deus que nos reconhece. Dessa maneira, o óleo se torna símbolo do Espírito de Deus. *“Jesus Cristo o Ungido, unge por sua vez os cristãos, tornando-os participantes de sua santidade e de sua salvação”*³. Assim,

¹ CEC 1213.

² Cf. Ibid., 1533.

³ Cf. BECKHAUSER, A. *Símbolos litúrgico*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 21.

todo aquele que é batizado em Cristo é também chamado a realizar com Ele o projeto de Deus.

2.2. O batismo e a configuração a Cristo

O efeito salvífico do batismo cristão tem sua raiz no Batismo de Jesus. Saindo de Nazaré e caminhando até o rio Jordão, Jesus quer nos mostrar o sentido de seu chamado a salvar toda a humanidade. Com a voz de Deus vinda do alto realiza-se o sinal de que Deus volta a falar, mostrando a divindade e a identidade vocacional de Jesus, “nele está o meu agrado” (cf. Mc 1, 9-11). Isso nos revela a autoridade de Jesus, porque executará o projeto de Deus, que é a reconciliação definitiva entre Deus e os homens: a nossa salvação⁴. Ele não quer que ninguém se perca.

Tudo se consuma na morte de Jesus, que não foge de sua missão, mesmo que isso implique o sofrimento e a dor. Na morte de Jesus, o véu do Templo se rasga de alto a baixo. Jesus inaugura um novo “Templo” com o seu sacrifício na cruz. Agora cai por terra o ritual do Antigo Testamento, que será substituído pelo culto espiritual em Cristo. Os antigos templos materiais perdem o seu valor e o que agora se realiza é a edificação do “Templo” espiritual que é formado por pedras vivas⁵; os cristãos.

A partir da morte e Ressurreição, Jesus é considerado o Único Senhor e está acima de qualquer senhorio. Podemos perceber isso, quando nos aproximamos do Novo Testamento e encontramos, nos Evangelhos, situações de não salvação ou “des-graça” (ausência da graça), bem como a superação delas que estão sempre relacionadas a Cristo. Por meio dos Evangelhos, olhamos para as atitudes e o comportamento dele e percebemos o contraste existente entre as realidades de não-salvação e a proposta apresentada por Jesus. Fica evidente que, somente olhando para o comportamento de Jesus, podemos ver positivamente a riqueza existente na abertura à nova vida proposta e vivida por Ele. Proposta essa que implica uma nova atitude de abertura-obediência ao Pai e que nos conduz à relação verdadeiramente fraterna guiada sempre pelo amor-serviço solidário a qual gera o compromisso e responsabilidade na administração de todas as coisas

⁴ Cf. CNBB, *Texto Base Ano Vocacional*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.34.

⁵ Cf. BECKHÄUSER, A. op. cit., p. 66.

criadas⁶. A aceitação da vontade do Pai leva ao nascimento do Homem Novo, diferente do velho Adão. Batizados, somos chamados a viver uma nova relação com Deus, um relacionamento fraterno e solidário com os irmãos e também uma responsabilidade com o mundo criado⁷.

Em Cristo, vivemos a nossa salvação, pois Jesus é o salvador e mediador universal. Isso exige de nós oração, conversão do coração e a necessidade de transformar as estruturas de pecado em práticas libertadoras e a estabelecer uma relação dinâmica de integração-inclusão entre essas dimensões, ou seja, a dimensão da oração, e a da transformação de estruturas. Assim, a humanidade, caminhando para uma consumação escatológica, **o já e o ainda não**⁸.

Sabemos que a água é fonte de vida. Ela serve para purificar, embelezar, refrescar e reanimar, é fundamental para matar a sede. Sem água não haveria nenhuma espécie de vida na terra. Podemos dizer então que água simboliza vida. O batismo de João com água vem representar uma libertação do ritualismo e legalismo a que o povo daquela época era submetido. *“Seu caráter de denúncia profética dos abusos daqueles que se consideravam justos por serem da raça de Abraão e, no entanto praticavam injustiças, deve ter encontrado um profundo eco no povo errante como ovelha sem pastor (Mc 11,27-33)”*⁹.

A pregação de João Batista é, na verdade, uma exortação à conversão para a prática da justiça, pregação essa, acompanhada por um banho no rio Jordão. O batismo de João era na água e não no Espírito. Essa atividade tem momento culminante com o Batismo de Jesus, que se coloca como pecador, “mesmo não sendo”, e recebendo o batismo faz a experiência de uma forte vivência espiritual. Ora, ao ser batizado todo o povo, Jesus, batizado também rezava: então o céu se abriu, o espírito Santo desceu sobre ele sob uma aparência corporal, como uma pomba, e uma voz veio do céu: ‘Tu és o meu filho, eu, hoje, te gerei (cf. Lc 3, 21-22).

Através de seu modo de vida, Jesus revelou-nos sua identidade, sua autoridade e o seu compromisso com toda a humanidade. O batismo de Jesus inicia sua vida pública. Ele assumiu de tal modo sua missão após o batismo que

⁶ Cf. RUBIO, A. G. *Unidade na Pluralidade*, São Paulo: Paulus: 2001, p 214-215.

⁷ Cf. *Ibid.*, p. 214.

⁸ Cf. *Ibid.*, p. 441. O grifo é meu.

⁹ CODINA, V.; IRARRAZAVAL. D. Tomo IV, *Sacramentos de Iniciação: Igreja, sacramento de libertação*, Tradução de Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 53-54.

deixa sua casa, sua profissão e começa a anunciar o Reino de Deus¹⁰. O Batismo de Jesus foi tão significativo para ele e para toda comunidade cristã, que foi recordado pelos quatro evangelistas (cf. Mt 3, 13-17; Mc 1, 9-11; Lc 3, 21-22; Jo 1, 19-34). Deixando-se batizar, Jesus se compromete com toda a humanidade, isso também vem revelar seu compromisso com a justiça que já era defendida por João Batista e os profetas. João é um homem carismático-profético (cf. Is 40-55). Sua pregação contém forte acento profético, nas suas colocações: faz uma advertência a todo o povo de Israel, afirmando que Deus não pode ser enganado com aparências e tradições vazias! *“Para o Deus vivo só contam os frutos da conversão. Não basta a profissão de fé a respeito da eleição e da aliança, se estiver separada da prática correspondente”*¹¹. Jesus comparece, ao rio Jordão, para receber o batismo e não para batizar! O batismo constitui um momento forte da consciência messiânica de Jesus. Que messianismo é esse? Trata-se do messianismo do serviço (cf Is 42,1). É como servidor que Jesus assume os pecados de todo o povo (cf. Is 53, 1ss), agora podemos compreender porque Ele é batizado às margens do rio Jordão com todo o povo: *“como servo de Iahweh, ele é solidário com seus irmãos, com o povo pecador”*¹². Por isso, ao deixar-se batizar, Jesus assume com determinação seu caminho de fidelidade a vontade do Pai¹³.

No momento do Batismo de Jesus, o céu se “abre”, surge uma pomba branca que representa a presença do Espírito Santo. No AT, a expressão “céus abertos” significa que Iahweh se comunica com seu povo. Nesse episódio, Iahweh revela que esse homem, no meio da multidão, é o Esperado, o Messias, mas o Messias servidor¹⁴. Jesus realiza nele mesmo a comunhão definitiva entre Deus e o homem. “Ao pousar sobre Jesus, o Espírito indica que é nele que essa comunhão tem realidade”¹⁵.

“Incorporados a Cristo pelo batismo, o batizado é configurado a Cristo” (cf. Rm 8,29). Com a graça recebida pelo batismo, o cristão é incorporado a Cristo, o pecado já não tem poder sobre ele, porém, precisa de sua adesão, pois o

¹⁰ Cf. CNBB. op. cit., p. 34.

¹¹ Cf. RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo; Um ensaio de cristologia para nossos dias* São Paulo: Paulinas, 10ª Ed, 2005, p. 28.

¹² Cf. Ibid., p. 30.

¹³ Cf. CNBB, op. cit., p.36.

¹⁴ Cf. RUBIO, A. G. *O encontro com...*, p. 31-42

¹⁵ BORÓBIO, D. (org), *A celebração na Igreja*, Vol. II Sacramentos, São Paulo: Loyola, 1993, p. 82.

homem continua livre, pode pecar e dizer não à graça de Deus. Podemos lembrar que o homem é um ser de decisão, e pode aceitar ou rejeitar o Dom de Deus. Porém, afastado de Deus, o homem vive alienado e mutilado no mais profundo de seu ser¹⁶. Agindo assim, impedirá o Batismo de produzir frutos de salvação¹⁷. Mesmo quando o homem peca, o batismo é sempre um “canal” da graça de Deus, e nada poderá mudar isso. “Dado uma vez por todas, o Batismo não pode ser reiterado”¹⁸, porque imprime um caráter.

A partir do Batismo, nossa vocação é o chamado constante ao seguimento de Cristo. O batismo é a fonte da comum dignidade dos cristãos e da legitimidade da diversidade das vocações e dos ministérios¹⁹. A graça que recebemos, no batismo, faz-nos pertencer a Cristo, levando-nos a romper com toda desigualdade, como nos mostra São Paulo em sua carta aos Gálatas (cf. Gl 3, 25-29). O que realmente importa para todos os batizados, seja, Bispo, padre, freira, diácono, leiga ou leigo, é que somos todos iguais perante Deus. Porém, não podemos esquecer que, nessa graça batismal, realizamos nossa vocação com a diversidade e diferenças de carismas, ministérios e funções, para que não haja confusão e também para que a comunidade caminhe com segurança, respeito mútuo, paz e harmonia²⁰.

No nosso batismo, tornamo-nos discípulas e discípulos de Jesus e continuamos em nossas vidas sua obra redentora. Realizamos tudo isso pela ação do Espírito Santo. A Palavra de Deus também nos auxilia. No final do Evangelho de Marcos e de Mateus, Jesus ordena aos seus discípulos: “*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*” (cf. Mc 16,16; Mt 28, 19). A partir disso, os discípulos saem para a missão de continuar aquilo que Jesus realizou, e batizam todas as pessoas que também abraçam a fé. Agindo dessa maneira, eles repetem a cena que se realizou às margens do rio Jordão, onde Jesus se deixou batizar por João Batista e partiu para sua missão²¹.

Mergulhamos, no mistério Pascal de Cristo, morremos e ressuscitamos com Ele, somos pessoas plenas de vida. Pela água batismal, somos inseridos, no Corpo

¹⁶ Cf. RUBIO, A. G. *Unidade na Pluralidade*, p. 216.

¹⁷ Cf. DS 1609-1619.

¹⁸ CEC 1273.

¹⁹ Cf. LG 32.

²⁰ Cf. CNBB, op.cit., p. 7.

²¹ Cf. Ibid., p. 36.

de Cristo, para, na diversidade de carismas, servir a toda a humanidade. Batizados em nome da Trindade, estamos em comunhão com ela, e aptos a produzir frutos em abundância. O cristão é inserido não somente na Igreja, mas em uma comunhão trinitária²². No batismo, morre o homem velho e nasce o homem novo.

Mas é importante a reflexão sobre a questão do “homem novo”. Lutamos para ser mais sábios, mais equilibrados, mais perfeitos em todos os sentidos. Sentimos que poderíamos ser melhores. Ainda que seja de uma forma confusa, sentimos que devem existir dois tipos de seres humanos: os de nossa história real, que são ambíguos e extremamente divididos, são também pecadores e imperfeitos, mas também existe o ser humano – mulher e homem – perfeito, luminoso, e extremamente bom e sábio, um ser amoroso etc., e o ser humano real que é um ser histórico; e o ser humano ideal que é intimamente desejado e sonhado²³.

Por isso, é importante questionar: até que ponto nossa evangelização apresentou a amplitude da realidade de Jesus Cristo, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem? Para saber o que significa ser humano precisamos olhar para Jesus, suas atitudes, opções, seu comportamento, e, em especial, para sua abertura e obediência ao Pai. Olhar também, para sua vivência do amor-serviço, unida à solidariedade em relação aos irmãos²⁴. Nossa evangelização deve acima e além de todas essas limitações humanas, saber anunciar Jesus Cristo o verdadeiro “homem novo, cabeça da nova humanidade. Seguindo o caminho vivido por Ele, participarmos, neste tempo da “fraqueza”, da sua verdadeira presença, na certeza de que participaremos também da glorificação²⁵.

No começo do cristianismo, o batismo era realizado com um banho de imersão. O cristão era interrogado três vezes a respeito de sua fé, no Pai, no Filho e no Espírito Santo, isso era realizado para dar o sentido de morrer para o pecado e ressuscitar com Cristo no batismo²⁶. Deixando agora a esfera do pecado, o homem é chamado à conversão, a tornar-se um “novo homem”. Isso será possível à medida que em sua realização como pessoa, ele se esforce, na sua união e seguimento de Jesus Cristo. Ele deve atuar e desenvolver tudo aquilo que ele já é

²² Cf. *Ibid.*, p. 35.

²³ Cf. RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus ...*, p. 137.

²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 139.

²⁵ Cf. *Ibid.*, p.140.

²⁶ Cf. BECKHAUSER, A. *op. cit.*, p. 12.

pelo batismo que recebeu e também pela sua fé. É um processo dinâmico a sua conversão, ela deve ser reiniciada e continuada todos os dias²⁷.

No nosso batismo, somos incorporados ao mistério Pascal de Cristo, somos crucificados com Ele, com a promessa da ressurreição. Logo, toda a vida do cristão se configura com uma vida “crucificada em Cristo”. Esse é o momento forte da expressão “morrer em Cristo”²⁸.

Notemos que, em cada um desses momentos, a luz da missão de Cristo e do Espírito terá um especial significado. O momento batismal será aqui destacado, como o momento cristológico da páscoa, e quer exprimir, com vigor, a perspectiva salvífica, ou seja, a passagem pessoal do pecado à graça, da morte à vida. O momento pneumático, como o momento de pentecostes, e quer exprimir, com vigor, a perspectiva eclesial e missionária, que significa o momento do testemunho público e a glorificação do Senhor.

“*Somos membros uns dos outros*” (Ef. 4,25). O Batismo nos incorpora à Igreja Corpo Místico de Cristo. “Das fontes batismais nasce o único povo de Deus da aliança, que supera todos os limites naturais ou humanos das nações, das culturas, das raças e sexos: ‘*Fomos todos batizados num só Espírito para sermos um só Corpo*’ (1Cor 12,13)”²⁹.

2.3. O batismo e o tríplice múnus de Cristo

A partir do nosso batismo, tornamo-nos discípulas e discípulos de Jesus. O batismo é o alicerce da vida cristã e compromisso com a missão evangelizadora. Isso quer dizer que a partir do batismo, comprometemo-nos com a missão de Jesus Cristo. “*Ide, fazei discípulos meus todos os povos*” (Mt, 28, 19).

“*A partir do batismo, todos somos chamados à santidade, à fé, ao seguimento do Senhor, à graça. O batismo é a base que sustenta todos os ministérios*”³⁰. O mesmo Espírito que ungiu Jesus nos unge e nos consagra para uma vida nova. A mesma missão de Jesus é a nossa, e nos acompanha, impulsiona-nos ao envio missionário até os “confins da terra”. Sua obra continua

²⁷ Cf. RUBIO, A. G. *Unidade na Pluralidade*, p. 216.

²⁸ Cf. BORÓBIO, D. op. cit., p. 105.

²⁹ CEC 1267.

³⁰ CVB 11.

em cada um de nós, até que tudo se consuma, até os fins dos tempos, até à vida em plenitude³¹.

Jesus desafia a experiência dos pescadores, Ele ordena a Simão e outros pescadores a lançarem as redes em pleno dia, mesmo indo contra aquilo que eles tinham como certo. Jesus mostra que para segui-lo, é preciso estar disposto a desafiar os próprios conceitos, e isso não é fácil. Porém, os resultados todos sabem: as redes se rompem por causa da grande quantidade de peixes e as barcas quase afundam (cf. Lc 5,4). Nesse texto, Lucas passa a descrever os detalhes para revelar o dinamismo desse momento: as redes que se rompem e a barca que quase afunda, uma situação desafiadora que será necessário trabalhar a dimensão da fé. Simão reconhece sua pequenez, e pede para Jesus afastar-se, ele sente medo quando percebe que Deus entrou em sua vida mediante as palavras e a pessoa de Jesus. Conosco também é assim. Mas Jesus nos tranquiliza assim como tranquilizou Pedro, dizendo: “*Não tenhais medo!*” (Lc 5,8). Consequentemente carinhoso e determinado, Jesus nos convoca para sua missão, tornando-se referencial para seus seguidores. Assim, manifesta que confia em Pedro, isso faz com que este confie em Jesus e supere os obstáculos necessários para cumprir sua missão³², “*Doravante serás pescador de homens*” (Lc 5,10).

Com a prontidão de Pedro, percebemos a dimensão do sacerdócio da vida e do estar disponível para servir. É necessário estar consciente como cristãos que não só os ordenados e especialmente consagrados os participantes da missão, mas todos batizados. No nosso batismo, a pessoa é ungida como sacerdote, profeta e rei.

“Após o Batismo, a unção, no alto da fronte quer significar que nós pelo batismo nos tornamos em Cristo, reis, sacerdotes e profetas pela força do Espírito Santo”³³.

2.3.1. O múnus sacerdotal

Sacerdócio da vida doada por amor a Deus e ao próximo é assim que Deus quer aproximar-se dos homens, por meio da mediação dos próprios homens. Jesus “*mostra o seu viver para Deus neste seu viver para os outros. Sua vida inteira é gesto de amor. Essa é a essência do sacerdócio cristão*”³⁴.

³¹ Cf. CNBB, op. cit., p. 35.

³² Cf. CNBB, op. cit., p. 42.

³³ BECKHÄUSER, A. op. cit., p.21.

³⁴ MORACHO, G. F. *Sacramento da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 59.

O cristão, ao entrar no Povo de Deus pela sua fé e também pelo batismo, adquire sua participação, na sua única vocação que é a sacerdotal, o seu “sair” de si para servir ao outro. Cristo, no seu sair de si, fez do novo Povo um reino de sacerdotes para Deus Pai. “Pois os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo”³⁵.

Somos um Povo Sacerdotal. Esse é o sacerdócio comum de todos os cristãos. Com a inserção do cristão em Cristo, ele passa a participar de sua vida, morte e Ressurreição, e orientação para o Pai. O cristão é colocado, na dinâmica existencial de Cristo, “nosso existencial Crístico”, que nada mais é que, essencialmente, uma dinâmica que pode ser qualificada como sacerdotal, no sentido de louvor e mediação. “Cristo é sacerdote por sua própria existência de Filho de Deus e verdadeiro homem, na unidade de pessoa do Verbo; é mediador entre Deus e os homens”³⁶.

O fundamento do sacerdócio comum dos fiéis é a Vida em Cristo, fruto que recebemos pelo sacramento do batismo. Esse sacerdócio se refere ao oferecimento da própria pessoa em união com Cristo, de sorte que seja um culto espiritual agradável a Deus (Cf. Rm 12,1). Exercemos esse sacerdócio na vida, quando fazemos a oração de intercessão em Cristo por Cristo e com Cristo, pela oração de Louvor, e também quando professamos em assembleia a nossa fé, não podendo nunca deixar de colocar tudo isso em prática por meio do nosso testemunho evangélico, e também pela transmissão da Palavra de Deus³⁷.

A leiga e o leigo exercem esse sacerdócio comum em suas vidas como consagradores do mundo. Desempenham isso de várias maneiras: seja, na sua vida conjugal, no seu trabalho cotidiano, no seu descanso tanto do corpo como também do espírito, e porque não, até mesmo, nas contrariedades da vida. Quando realizam tudo isso com a devida paciência e perseverança, vão convertendo tudo o que vivem e realizam em sacrifícios agradáveis a Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo³⁸. Esse é o nosso sacerdócio como simples cristãos.

Todos os membros que constituem o Povo de Deus realizam esse sacerdócio que provém de sua união com Cristo pelo batismo, e isso é para sempre e jamais cessará, nem na outra vida. Esse sacerdócio é chamado de sacerdócio comum

³⁵ Cf. CEC 784.

³⁶ BORÓBIO, D. op. cit., p. 107.

³⁷ Cf. Ibid., 107.

³⁸ Cf. Ibid., 107.

justamente para diferenciar do sacerdócio ministerial que é o que os padres recebem. Para entendermos melhor essa distinção, podemos dizer que o sacerdócio ministerial dos presbíteros está todo a serviço do sacerdócio comum, de toda a comunidade que é toda ela sacerdotal, a serviço da potenciação do batismo. *“Todos os batizados participam desse sacerdócio comum. Todos são, portanto, nesse sentido, sacerdotes. Todos os batizados têm acesso direto a Deus. É Jesus quem no-lo abriu. Confere-se a inabitação do Espírito”*³⁹.

A leiga e o leigo prolongam, na sua vida cotidiana, o sacerdócio de Cristo, buscando com todo esforço e empenho encontrar Deus no humano. Essa tarefa não é fácil, pois é necessário colocar toda sua vida seguindo Jesus, a serviço da construção do Reino de Deus e a sua justiça. “O leigo batizado, com sua vida inteira, é chamado a saborear quem é Deus. Sua vocação é viver sua vida de filho de Deus como afirmação de que Deus existe que dá a vida, que é misericordioso, que liberta, que salva, que dá felicidade, que impulsiona a viver de maneira plena”⁴⁰.

Sacerdócio significa empenho na superação de divisões e conquista da unidade. No dia a dia, encontramos separações, divisões, discriminações de todo o tipo, fazem parte de nosso dia-a-dia. Fica aqui a questão: Será possível viver realmente a unidade a verdadeira paz?

O Novo Testamento⁴¹ responde a essa questão de forma positiva, e também apresenta Jesus Cristo como a recapitulação de todos os seres humanos e de todo o cosmo. A Carta aos Efésios deixa claro que, em Jesus Cristo, são possíveis a paz e a reconciliação (Cf. Ef 2, 14-15). Sim, responde o Novo Testamento, o sonho pode tornar-se realidade, pois Jesus realiza a reconciliação universal e a unidade. Mesmo sabendo que a recapitulação, a paz, a unidade só ocorrerão em plenitude, na ressurreição, mesmo assim, isso não significa que se trata de uma simples promessa desconectada da vida. Ao contrário, a recapitulação, a união e a paz já

³⁹ MORACHO, G. F. op. cit., 59.

⁴⁰ Cf. Ibid. p. 63.

⁴¹ Podemos destacar aqui a Carta aos Efésios. Em Jesus Cristo está a reconciliação e a paz (cf. Ef 2,14). Justamente, no prólogo da carta aos Efésios (cf. Ef 1, 3-14) afirma-se que a salvação predestinada desde sempre e revelada, ultimamente consiste em que Jesus Cristo recapitula em si todas as coisas. Os homens encontram sua unificação em Jesus Cristo. E, mediante os homens, o universo todo. A encarnação-ressurreição e a mediação de Jesus Cristo concernem a realidade toda criada, que está destinada, não à destruição, mas à plenitude. – Cf. RUBIO Alfonso Garcia, *Unidade na Pluralidade, o ser humano à luz da fé e das reflexões cristãs*, 4ª Ed., São Paulo, Paulus, 2006.

estão atuando, na criação e na história humana⁴². O mistério do sentido da história humana é desvendado em Jesus Cristo. O paradigma da nova humanidade para todo cristão encontra-se em Jesus Cristo, olhando para Ele, sabemos o que significa ser humano no tempo e na história atuais⁴³.

2.3.2. Múnus profético

“O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo. Tal se verifica de modo particular pelo sentido sobrenatural da fé de todo o povo, leigos e hierarquia, apegando-se, indefectivelmente, à fé uma vez para sempre transmitida aos santos”⁴⁴, “e aprofunda a compreensão e torna-se testemunha de Cristo no meio do mundo”⁴⁵.

É sabido que o profeta é aquele que dá testemunho através de sua vida, lutando para mostrar a presença de Deus no mundo dos homens. Jesus realizou em sua vida essa dimensão profética. A partir disso, todos os batizados formam uma comunidade com o mesmo compromisso de Jesus. Jesus tinha uma relação amorosa com o Pai, que se manifestou intensamente, no seu batismo, revelando a Ele sua vocação profética. Largou tudo e saiu em missão de levar a todos a Boa Nova. *“Também o nosso batismo expressa essa relação de amor entre os seguidores de Jesus e o Pai, o qual adota todos como filhos, chamados a construir e habitar no Reino”*⁴⁶.

Profeta quer dizer “porta-voz”. Nesse sentido, todas as leigas e leigos são também profetas. Todos os batizados se unem a Cristo, que é “Palavra de Deus”, Palavra e Sabedoria de Iahweh⁴⁷. Estamos acostumados a usar constantemente a palavra objetiva, ou seja, aquela que define e explica a realidade. Essa palavra é necessária também, no mundo da ciência, da técnica, como, na complexidade de

⁴² Cf. RUBIO, A. G. *Encontro com*. p. 147.

⁴³ Cf. RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade...* p. 410.

⁴⁴ LG 12.

⁴⁵ CEC 785.

⁴⁶ CNBB, op. cit., p. 36.

⁴⁷ Pela palavra-sabedoria, Deus criou o mundo e o ser humano. Essa palavra-sabedoria, sempre presente em Deus, é igualmente salvadora, libertadora e vivificadora: é a palavra-sabedoria que armou sua tenda em Israel (cf. Eclo 24,8). Sem dúvida, tanto a criação quanto a Torá e a pregação profética constituem comunicações de Deus. Mas não são a autocomunicação de Deus. Essa só acontece em Jesus Cristo, uma vez que ele não se limita a comunicar-nos a palavra ou os desígnios de Iahweh: ele próprio, Jesus Cristo, a palavra-comunicação de Deus; ele é o próprio Deus comunicando-se. Sem dúvida, trata-se de uma comunicação qualitativamente diferente daquelas próprias da Tora, da pregação profética e da criação. Cf. RUBIO Alfonso, Garcia, *O encontro com* ... p.150-151.

relações administrativas e funcionais do mundo moderno. Diante de toda essa objetividade, corremos um sério risco de não valorizarmos de forma adequada a palavra que expressa a intimidade de alguém, estamos falando aqui da palavra vivida como comunicação pessoal, palavra essa que está diretamente ligada à intimidade de outra pessoa. Para trabalharmos com a palavra, nessa dimensão pessoal, é necessária a abertura para o outro, como também o acolhimento da parte daquele que recebe a comunicação, essa palavra interpela, desinstala, questiona e certamente enriquece⁴⁸.

“Pois bem, em João, o ‘Logos’ não é palavra objetivante, mas a palavra comunicadora da intimidade de Deus: é a comunicação pessoal de Deus”⁴⁹. No homem, Jesus de Nazaré, homem frágil e limitado como nós⁵⁰, encontramos a palavra de Deus, a autocomunicação de Deus, ou seja, o próprio Deus⁵¹. É necessário então desempenhar, na sociedade, esse papel de profeta, transmitindo ao mundo, dentro da nossa realidade, por meio de nossas palavras e atitudes, todos nós batizados em Cristo vamos vivendo dando o testemunho de que é possível encarnar a “Boa Nova” do Deus de Jesus Cristo, hoje, na vida, e em tudo o que realizamos. “Todo cristão, com sua palavra, ação e testemunho da vida inteira, é co-responsável pela evangelização”⁵², evangelizar não somente com palavras, mas, principalmente com a própria vida. Trata-se definitivamente de responder de uma forma ativa a interpelação do Deus da vida, comprometendo-se com o anúncio da Boa Nova do Reino, compromisso esse que implica a decisão livre do homem⁵³.

2.3.3. Múnus Pastoral

O Povo de Deus participa finalmente da função Régia de Cristo, que exerce sua realza, atraindo a si todos os homens pela sua morte e ressurreição (cf. Jo 12,32). Jesus se fez servidor de todos, daí vem seu senhorio. É Rei e Senhor do

⁴⁸ Cf. RUBIO, A. G. *O encontro com...* pp. 151-152.

⁴⁹ Nesse sentido, o “Logos”, afirma o prólogo do quarto evangelho, é de condição divina (Cf. Jo 1,1) e tudo foi criado por meio dele (Cf. Jo 1,3). Este “Logos” se fez “sarx” (cf. Jo 1,14). O termo “sarx” indica o ser humano precisamente em sua condição de fraqueza, caducidade e mortalidade. E assim é proclamada a desconcertante novidade: o “Logos”, o próprio Deus se faz limitação e fraqueza humana! – cf. RUBIO A., G., *Encontro com Jesus Cristo vivo...* p. 151.

⁵⁰ Em tudo como nós, exceto no pecado (Hb 4,15).

⁵¹ Cf. RUBIO, A. G. *Encontro com Jesus Cristo vivo...*p. 152.

⁵² MORACHO, G. F. op. cit., p. 65.

⁵³ Cf. RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade*, pp. 410-411.

universo, não veio para ser servido e sim para dar a sua vida em resgate de muitos (cf. Mc 10, 45); um senhorio completamente diferente de tudo o que já havia sido visto. Ele deu seu testemunho para que todos os cristãos também reinem e sirvam⁵⁴, particularmente ‘nos pobres e nos sofredores’, nos quais a Igreja reconhece a imagem de seu Fundador pobre e sofredor⁵⁵.

“O Povo de Deus realiza sua ‘dignidade régia’, vivendo em conformidade com essa vocação de servir com Cristo”⁵⁶. A partir disso, podemos dizer que o leigo também é rei. Unidos a Cristo, todos nós, batizados, participamos de sua realeza: somos reis com Ele, como explicita o Catecismo da Igreja.

Jesus Cristo é Rei e Senhor do universo, porque se fez servidor de todos, não mediu as conseqüências, aceitou sua missão e, voluntariamente, deu sua vida em resgate de muitos. Passou a sua vida amando, servindo, libertando e salvando. “O batizado participa dessa missão de ‘salvador’ dos homens com uma salvação integral”⁵⁷. Jesus é um servidor, anuncia o Reino de Deus, com suas atitudes instaura novas relações, com ele se desmascara todas as deturpações idolátricas. Porém, Ele não se contenta somente em anunciar a chegada do Reino, seu anúncio vem acompanhado da realização de sinais concretos dessa chegada (a cura de doentes, o perdão e a reconciliação, a opção pelos pobres e marginalizados etc.). As atitudes de Jesus também constituem sinais da ação do Reino de Deus⁵⁸. Diante de tudo que foi visto, percebemos que, para ser verdadeiro discípulo de Jesus, é preciso o compromisso pastoral.

Acolhendo a palavra de Jesus, Pedro e seus companheiros começaram a formar o embrião do novo povo de Deus. Um povo diferente, que será conduzido pelo Espírito e tem como líder um pescador. Fazendo uma proposta a outros pescadores, com uma nova missão, evangelizar o mundo, Jesus manifesta a seus seguidores a necessidade de pessoas para segui-lo. Porém, é necessário que essas pessoas estejam dispostas a deixar tudo o que as prende, para partir com Ele e assumir a causa do Reino⁵⁹ que é de Deus, mas construído por todos nós que cremos nele. “*Ide e evangelizai!*” (Mc 16,15).

⁵⁴ Cf. LG 36.

⁵⁵ Cf. LG 8.

⁵⁶ CEC 786.

⁵⁷ MORACHO, G. F. *op. cit.*, p. 65.

⁵⁸ Cf. RUBIO, A. G. *O encontro com...* p. 54.

⁵⁹ Cf. CNBB, *op. cit.*, p. 43.

Jesus comunicou a Boa nova de maneira clara e simples. Sendo assim, todos nós também podemos comunicar essa grande notícia com simplicidade como o Mestre fez. Ele entrou, na barca de Simão, e pediu para afastarem-se um pouco, assim todos poderiam vê-lo e ouvi-lo. Isso nos mostra que Jesus era criativo, um anunciador itinerante e também um comunicador com criatividade, buscando sempre novas formas para se comunicar com a multidão.

2.4. Conclusão

O batismo nos insere na vida da Igreja e nos torna participantes de sua missão. A missão permanente da Igreja é evangelizar, de modo que todos somos evangelizadores.

A nossa participação, na missão da Igreja, é basicamente a participação no tríplice múnus de Cristo. Cada cristão evangeliza enquanto procura ser sacerdote, profeta e rei. Essa ação é comum a todos, e todas as outras ações, na Igreja, são decorrentes dela, por isso que o batismo é a fonte de todas as vocações. Assim, enquanto participação, na vida da Igreja, não existe distinções. Essa participação é igual para ordenados, consagrados, leigos e leigas.

Desse modo, podemos concluir que existe uma igualdade fundamental entre todos, na Igreja, pois participamos da mesma missão e da mesma vida em Cristo, e isso independe da nossa identidade eclesial e do trabalho específico que desenvolvemos na missão da Igreja.

Também é importante a afirmação de que essa participação é um dever de todos os batizados, que deve ser assumido, no seu dia a dia e nas suas condições específicas de vida, não podendo ser negligenciada por motivo algum. Mas ao mesmo tempo, é importante afirmar que a participação do leigo, na missão da Igreja, é um direito conferido pelo batismo, que deve ser respeitado por todos, sejam quais forem suas posições na hierarquia da Igreja.